

## **A *perestroika* e a desestalinização**

A *perestroika* e a *glasnost* devem ser entendidas como um dos climas de um processo de mudança e de adaptação que se iniciou em 1953, com a morte de Stalin. Qualquer que seja o período da história soviética que se estude, continua a existir uma tendência excessiva para associar o conjunto das iniciativas políticas com a personalidade e a agenda política pessoal do secretário-geral do partido comunista. Contra esta tendência, deve-se insistir na ideia de processo: a melhor maneira de analisar a actual direcção soviética e o seu programa é procurar compreender as «leis de movimento» que possam existir na política soviética<sup>1</sup>.

Frequentemente, os analistas referem-se à desestalinização como se fosse uma iniciativa do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e uma criação de Khrushchev, esquecendo que a desestalinização é um termo nosso — que só recentemente entrou no vocabulário político soviético — e que é um conceito demasiado oco para fixar o significado de um longo e profundo debate moral que se refere, nada mais, nada menos, do que à definição de uma sociedade e da sua relação comum o seu passado e com o seu futuro<sup>2</sup>. A desestalinização é apenas uma etiqueta menos adequada pela qual no Ocidente se designa a luta de uma outra sociedade para adaptar o seu legado histórico a um mundo em constante mudança.

Para compreender a desestalinização como um processo de mudança em curso, talvez também valha a pena indicar que o stalinismo trazia consigo a sua própria negação. A sociedade soviética mudou profundamente sob a direcção de Stalin. Quando Stalin morreu, em 1953, a sociedade soviética tinha sofrido uma transformação económica e social completa. Depois da Segunda Guerra Mundial, a URSS apareceu como uma sociedade industrial complexa e avançada. Posta à prova na sua modernidade, a União Soviética, sobretudo à custa dos seus próprios esforços e dos seus recursos, conseguiu prevalecer numa guerra que a opôs à principal potência industrial europeia.

Os resultados obtidos durante os anos de Stalin não podem ser avaliados sem esquecer os seus actos criminosos e os terríveis custos humanos da colectivização e da industrialização forçadas. Do mesmo modo, não se pode ignorar que existem linhas alternativas de desenvolvimento que eram possíveis e poderiam ter alcançado os mesmos avanços.

Todavia, qualquer que seja a maneira de as avaliar, as transformações económicas e sociais da era de Stalin são reais. O que, naturalmente, era menos claro em 1953, era que as políticas e as instituições dos anos de Stalin se tomariam cada vez menos relevantes no futuro. A era «heróica» tinha passado e os problemas do mundo do post-guerra não podiam ser resolvidos por cargas revolucionárias. O termo «heróico» é aqui empregue num sentido completamente neutro do ponto de vista moral — «heróico» sugere adequadamente certos

pressupostos elementares em que assentava a política stalinista da colectivização e de industrialização forçadas. O pressuposto central desta política era que uma sociedade podia ser radicalmente transformada por um acto determinado de vontade, dirigido de cima para baixo e executado sem mercê. Também sugere que não se reconheciam quaisquer obstáculos para atingir esses objectivos «revolucionários», muito embora tal implicasse a recusa sistemática de todos os princípios de uma sociedade racional e da gestão económica<sup>3</sup>. Tendo em conta as transformações económicas e sociais realizadas, havia naquela altura lugar para uma tal orientação simplista e determinada, num quadro de relativo subdesenvolvimento e de relativa simplicidade. Mas, como resultado da era «heróica», uma vez que a sociedade deixara de ser tão simples e quando os requisitos para futuros avanços passaram a ser outros, esta orientação deixou de ter sentido. Uma sociedade moderna, para preservar esse estatuto e desenvolver a sua «modernidade», não pode depender indefinidamente de instituições criadas para assegurar uma mobilização rápida e brutal dos recursos e da energia humana. Cada vez mais, o avanço económico e social sustentado passou a depender de critérios qualitativos mais do que critérios quantitativos, de altos níveis de inovação tecnológica e da produtividade do trabalho.

Num contexto de crescente complexidade e diferenciação social, eram necessárias políticas que atribuíssem prioridade ao desenvolvimento das qualificações profissionais e da criatividade. Nos anos seguintes à morte de Stalin, os dirigentes soviéticos demoraram a reconhecer que esses atributos humanos não podem ser impostos pelas directivas dos planos quinquenais, como se se tratasse de mais umas tantas toneladas de aço. Os apelos aos sentimentos patrióticos e socialistas, a manipulação dos sistemas de incentivos materiais, o aumento das quotas de produção das instituições do ensino superior — nada disso é relevante para o requisito principal de uma economia moderna. A base indispensável para se alcançarem altos níveis de *performance* económica está numa cultura que encomia e premeia a confiança e um sentido de eficácia pessoal: é isso que justamente tem faltado na União Soviética. Note-se que esta conclusão é mantida intacta, mesmo se se considerar que na União Soviética não existe o «imperativo liberal» de uma larga aspiração a uma sociedade aberta, ou que as objecções morais acerca do passado stalinista são apenas superficiais. Para todos aqueles que, a partir do centro, dirigem meticulosamente a URSS, a verdade dos factos continuaria a ser que uma sociedade complicada precisa da participação criativa dos seus membros e não apenas da sua energia e das suas qualificações profissionais. Porém, a criatividade ficará sempre inibida quando as pessoas procuram sobretudo proteger-se e esperar por detalhadas instruções superiores. De certo modo, o processo de desestalinização na União Soviética e na Europa Oriental começou ainda no tempo de Stalin. A sua morte liberou forças poderosas para a

mudança, que afectaram e continuam a afectar todos e cada um, de uma ou de outra maneira, com maior ou menor intensidade<sup>4</sup>. Entre a *intelligentsia* já existia, cada vez mais, uma crítica ao passado soviético. Para muitos intelectuais, segundo Stephen Cohen, a morte de Stalin significou o «fim do silêncio»<sup>5</sup>. Desse silêncio emergiu uma crítica moral do stalinismo, com uma relevância directa para todos os problemas que se referiam ao futuro da sociedade soviética. Na Europa Oriental, bem como na União Soviética, existiam também uma instabilidade social difusa e novas oportunidades para os trabalhadores exprimirem o seu crescente descontentamento. Começaram a revoltar-se contra o ritmo incessante do trabalho e a reivindicar uma justa retribuição. Os problemas económicos eram acompanhados por exigências mais abertamente políticas; o quadro autoritário do trabalho e o controle dos sindicatos pelo partido comunista tornaram-se questões acesas para muitos trabalhadores<sup>6</sup>.

## A desestalinização e a elite política soviética

### 1. Os anos de Khrushchev

Em resposta ao processo de mudança, também a estrutura da direcção soviética se alterou depois de 1953, passando de uma que reflectia um estilo pessoal e directo para outra que se tornou oligárquica ou «colectiva». Uma das razões desta mudança era muito simplesmente o facto de ninguém estar em posição para assumir o poder que fora exercido por Stalin.

Depois de 1928 e da derrota da «Oposição de direita», Stalin tornou-se o cerne indispensável do sistema político. A autoridade e a segurança dos outros agentes políticos dependia da sua capacidade de «serem ouvidos por Stalin», de terem a aprovação e o apoio de Stalin, o «dirigente e mestre genial da humanidade inteira», que se pronunciava em definitivo sobre todos os assuntos políticos, programáticos e doutrinários. Num tal clima político, a autoridade do conjunto do sistema assentava no poder «carismático» de Stalin, e não podia existir entre os que o rodeavam um sucessor<sup>7</sup>. Quando se procurava encontrar um «sucessor» de Stalin, via-se a política soviética imersa numa «crise de sucessão» prolongada, que teria de levar finalmente ao aparecimento de outro homem forte totalitário. No entanto, acabou por se tornar claro que só o partido, como instituição, podia preencher o vazio deixado por Stalin. Nesta perspectiva, não é de admirar que a vida institucional normal do PCUS, há tanto moribunda, tenha renascido quase inteiramente depois da morte de Stalin<sup>8</sup>. Retrospectivamente, também se pode considerar que era a própria escala heróica da agenda política durante os anos de Stalin o fundamento do seu poder pessoal e do grau de centralização da direcção. Desde o fim da guerra, e durante o período de reconstrução no post-guerra, os objectivos tornaram-se menos evidentes e as orientações políticas menos claras. Se diminuía a capacidade para a

dramatização na sociedade soviética do post-guerra, também aumentara a possibilidade de uma competição implícita, forte mas sem dramatismos, para a apropriação de recursos escassos. Este quadro, mais complexo e incerto, explica por que razão Khrushchev, ao contrário de Stalin, precisava de apoios sociais para sustentar a sua posição. Por isso mesmo tinha de ter um programa político que assegurasse esses apoios. O programa de Khrushchev foi a desestalinização e os seus apoios foram o próprio partido comunista ou, pelo menos, os quadros intermédios do PCUS. O ataque de Khrushchev contra o «culto da personalidade» tinha implícita a garantia de que actuaria num quadro menos arbitrário, que dava aos membros do partido uma maior segurança. A mensagem do relatório «secreto» do XX Congresso era «apoiem-me e terão segurança».

Khrushchev, todavia, não resolveu os problemas maiores levantados pela morte de Stalin. Os erros do passado foram exclusivamente atribuídos a Stalin e, mesmo assim, não se revelou a verdadeira escala dos seus crimes. Em geral não se admitia abertamente a existência de «crimes», em vez de «erros» ou de «desvios». Também os resultados «positivos» do passado não foram submetidos a uma análise crítica — foram apenas resgatados das mãos de Stalin para as do partido e do povo soviético<sup>9</sup>. Às características principais do legado institucional, político e cultural de Stalin não foram tratadas no relatório de Khrushchev, nem posteriormente postas em causa pelos dirigentes soviéticos. Neste sentido, pode dizer-se que Khrushchev esteve sempre atrás da frente do debate moral e a dimensão moral do debate acabou por se tomar uma ameaça para a sua posição dirigente.

Pode perceber-se a natureza da ameaça em função das posições da *intelligentsia*, ou da parte que no Ocidente é conhecida como «dissidente»<sup>10</sup>. Parece claro, retrospectivamente, que os dissidentes mais não fizeram do que exprimir com mais força as linhas principais de um debate em que estavam empenhados outros agentes, mais completamente integrados na sociedade soviética e que tratavam do problema da mudança de um modo mais aceitável e mais contido. Por detrás da dissidência, no princípio dos anos sessenta, existia uma estratégia para influenciar o processo de mudança, encorajando Khrushchev a ir mais longe na sua crítica do passado. Por outras palavras, acreditava-se na eficácia e no potencial de uma «revolução de cima para baixo», em que os dissidentes se dirigiam à direcção do partido. Porém, Khrushchev nunca verdadeiramente lhes respondeu, nem o poderia ter feito, vistos os condicionamentos inscritos na estrutura da direcção post-stalinista.

Desde que pudesse ser controlada, dentro de uma crítica limitada do passado, a desestalinização era um programa viável que servia para garantir os apoios à direcção de Khrushchev. Porém, o programa estava viciado, por não conter nenhuma fórmula para gerir as críticas. Na realidade, a sua insistência na responsabilidade colectiva e na «legalidade

socialista» pareciam excluir qualquer forte resposta pessoal às críticas<sup>11</sup>. Por esta razão, Khrushchev tornou-se uma figura de «transição», uma ponte entre dois padrões de direcção. Nunca conseguiu ser inteiramente fiel ao princípio da «direcção colectiva» e nunca conseguiu libertar-se inteiramente de um estilo e de uma tendência stalinista<sup>12</sup>.

Esta é a contradição do programa de Khrushchev. A consolidação da sua posição e da sua segurança pessoal era feita a partir de promessas implícitas de limitação da sua autoridade. Uma consolidação bem sucedida implicava uma identificação pessoal com iniciativas políticas e essas iniciativas não eram viáveis, pois Khrushchev nunca conseguiu construir uma nova cultura política adaptada à ideia de uma reforma radical. A sua versão da *perestroika* (por exemplo, as tentativas de 1957 e de 1962 para reformar e modernizar os aparelhos do partido e do Estado) não tinha os apoios necessários que lhe poderiam garantir sucesso. Como já se referiu, Khrushchev ganhara apoio no partido prometendo segurança. Na medida em que o ataque de Khrushchev contra o «culto da personalidade» significava apenas que o primeiro secretário do partido prometia ser menos arbitrário e menos criminosamente imprevisível do que Stalin, este era largamente bem-vindo.

Os problemas mais vastos da reforma, que também eram levantados pelo ataque contra Stalin, mesmo que apenas por implicação, eram menos bem recebidos. De facto, as tentativas limitadas para reestruturar as instituições soviéticas e para alterar as prioridades políticas eram uma ameaça directa para muitos quadros na burocracia partidária e estatal, pois punham em causa posições e rotinas estabelecidas. Assim, estas medidas eram vistas como uma traição às promessas feitas por Khrushchev e, por isso, as suas reformas não encontraram eco bastante na estrutura política e na sociedade: foram sempre demasiado suas — mal elaboradas e incompletas, «esquemas débeis», como mais tarde lhes chamou o editorial da *Pravda*<sup>13</sup>.

Nestas circunstâncias, Khrushchev não podia fazer face aos problemas fundamentais de mudança com eficácia e, à medida que aumentavam as críticas acerca das suas várias e mal sucedidas iniciativas, a sua resposta foi tomar-se um dirigente mais arbitrário e mais ameaçador. No fim, Khrushchev afastou-se do princípio da direcção colectiva; as promessas do seu programa tinham sido violadas e, portanto, a sua posição perante os outros dirigentes relevantes e dentro do partido tomou-se tanto mais frágil. Também é verdade, sobretudo se o medirmos pelos critérios de Gorbachev, que o empenho pessoal de Khrushchev nas mudanças era ambivalente e limitado: tinha muito pouco para dizer sobre a abertura e a democracia.

Khrushchev foi, assim, transitório ainda num segundo sentido. Como depois Brezhnev, Khrushchev reflectia os valores da sua geração e era demasiado um produto da cultura política stalinista para poder ser visto como um claro reformador. Khrushchev está no princípio, enquanto que

Gorbachev está no fim de um processo de desestalinização, e é apenas deste modo cauteloso que se podem associar estes dois dirigentes. No caso de Khrushchev, é preciso contrabalançar a sua crítica do passado stalinista e as medidas para reformar as instituições e reorientar as políticas, com o arbítrio pessoal que revelou na sua violenta campanha contra a religião, entre 1958 e 1963, ou no modo stalinista como quis impor muitas das suas reformas<sup>14</sup>.

Embora tenha procurado explorar em seu benefício o processo de mudança, Khrushchev nem por isso deixava de estar ameaçado por essa evolução. Jean-Paul Sartre disse na altura que «os desestalinizadores podem acabar por se 'desestalinizar' a si próprios». Não era fácil controlar o debate acerca de Stalin, nem circunscrevê-lo a uma discussão sobre Stalin, os seus erros e as suas limitações. De facto, Khrushchev ligou demais a sua carreira a um debate aberto, cujos largos contornos iam muito além da crítica do «culto da personalidade», e nunca o compreendeu verdadeiramente. A crítica do passado levava naturalmente a questões ameaçadoras sobre o presente — questões sobre os próprios fundamentos e pressupostos do socialismo soviético. Não era tanto que as questões em si mesmas fossem directamente ameaçadoras. Apenas uma muito pequena minoria teve a coragem e a motivação para pôr as questões essenciais. O ponto é que a desestalinização era um processo irreversível. Depois de 1953, a sociedade soviética estava a mover-se numa direcção nova que era imprevisível do ponto de vista do partido. Havia no ar uma certa expectativa, tanto no país como no mundo comunista em geral — uma persistente antecipação da mudança que, por mais imperfeita que fosse a sua percepção, não ia morrer<sup>15</sup>.

## **2. O «cartel» de Brezhnev**

O longo período dos anos de Brezhnev situa-se em parte na continuidade das principais linhas da era de Khrushchev. Havia, é certo, uma tentativa para desacreditar Khrushchev, e uma reacção calculada em relação às suas iniciativas, caracterizada em primeiro lugar por um esforço determinado para desarmar o debate acerca do legado de Stalin. Apesar desses esforços, o debate continuou. Talvez o mais revelador dos sintomas da mudança de clima se encontre na viragem dos que mais empenhados estavam na ideia de continuar e de alargar a desestalinização. Nas suas tentativas para estimular a mudança, os dissidentes deixaram de se dirigir à direcção e viraram-se para o mundo exterior<sup>16</sup>: deixaram de acreditar na possibilidade da mudança vir de cima para baixo e queriam, em vez disso, pressionar indirectamente o governo soviético mobilizando a opinião externa e influenciando governos externos.

Não obstante a mudança de face do novo regime e o clima mais repressivo que o caracterizava, continuou a existir, tal como nos anos de Khrushchev, um esforço de adaptação do legado das instituições



stalinistas às novas realidades. Em certos aspectos, a actual crítica de Brezhnev vai longe demais quando afirma que os anos da sua direcção mais não foram do que uma persistente resistência à mudança. Se é verdade que, com Brezhnev, o partido nunca encarou a necessidade de uma mudança radical, não o é menos que os esforços para uma adaptação conservadora tiveram resultados reais. Os «esquemas débeis» de Khrushchev foram postos de parte, mas os anos de Brezhnev tiveram a sua parte de inovação e de experimentação<sup>17</sup>.

Também é verdade que a fórmula de direcção de Brezhnev era, de certa maneira, semelhante à de Khrushchev. Como o seu antecessor, Brezhnev também prometia segurança para os quadros do partido e do Estado, mais do que a que tinham tido com Khrushchev. Era como se Brezhnev tivesse aprendido demasiado bem as lições do passado, pois refinou as técnicas de direcção colectiva até esta se tornar, por fim, num colete de forças que limitava a capacidade de iniciativa do partido. O estilo consensual que caracterizava a direcção de Brezhnev pode, à primeira vista, parecer preferível ao estilo autoritário e frequentemente errático de Khrushchev a partir de 1957. Contudo, o consenso, no tempo de Brezhnev, era formado a partir do menor denominador comum do conservadorismo burocrático.

A direcção de Brezhnev pode ser descrita como uma espécie de cartel — um «cartel da ansiedade», que teve sérias implicações negativas a todos os níveis para os aparelhos do partido e do Estado. A ideia de um cartel, de um arranjo para limitar a competição, parece ser a característica mais saliente da direcção partidária nos anos de Brezhnev. O sistema político não tinha regras formais vinculativas que assegurassem a manutenção das posições dos membros da elite e, além disso, estava desprovido de linhas formais de responsabilidade que pudessem definir as suas relações com os grupos que não pertenciam à elite. Nestas circunstâncias, o cartel era o único modo disponível para limitar a competição e o conflito nas fileiras da elite e entre esta e os grupos que não lhe pertenciam. Por outras palavras, no tempo de Brezhnev, o cartel tornou-se a realidade inevitável da «direcção colectiva». A sua principal característica era a aceitação, por Brezhnev, como secretário-geral, da regra não-escrita do estilo consensual de decisão, e o seu comportamento como porta-voz da direcção, como um *primus inter pares*.

A ansiedade acerca do estatuto acabou por caracterizar a relação da direcção central com os grupos de elite inferiores e com a sociedade soviética no seu conjunto. O baixo nível de inovação programática e doutrinária, típicos da direcção de Brezhnev, mostram como o partido já não tem tantas certezas sobre a sua relevância essencial, ou sobre o significado do seu papel dirigente» numa sociedade complexa, com a sua competição no acesso aos recursos e o seu impressionante leque de problemas.

Do seu próprio ponto de vista, a orientação política da direcção central do partido corria o risco de ficar refém de valores e de necessidades que,

cada vez mais, lhe eram impostos a partir dos níveis inferiores da estrutura política ou de fora da estrutura política<sup>18</sup>. A direcção central respondeu a estas ameaças implícitas cerrando fileiras. Através de um cartel não declarado, que era suposto limitar o conflito e respeitar as posições de poder dos seus membros, a direcção quis proteger a sua relevância central e garantir a sua própria segurança. A noção de ansiedade estatutária, tal como aqui é empregue, não implica perda de confiança nos principais pressupostos institucionais e doutrinários do sistema. Embora existissem sinais de pessimismo acerca da *performance* económica nos últimos anos, não há outras indicações que permitam concluir que a direcção de Brezhnev perdera fé na capacidade do sistema para manter altos níveis de crescimento económico e para sustentar as suas noções de progresso e de desenvolvimento.

A ansiedade estatutária resultava, pois, de uma ameaça externa implícita, mas tinha ainda uma outra dimensão que resultava da ausência de uma definição institucional dos papéis dentro da própria direcção. Ao mais alto nível não existia uma definição clara acerca da duração dos mandatos, nem linhas de responsabilidade que pudessem garantir posições individuais. Também não existia uma clara divisão do trabalho<sup>19</sup>. Em suma, existia uma organização pré-moderna, insegura, *ad hoc*, instável, dentro da qual um cartel era, pelo menos, uma resposta, parcial mas disponível, para resolver os problemas inevitáveis de insegurança e de ansiedade dos indivíduos que pertenciam à direcção. O génio de Brezhnev foi ter descoberto que o cartel era o melhor assento para a sua própria segurança, embora se deva sublinhar que, num clima de ansiedade estatutária generalizada, nenhum cartel informal poderia ser inteiramente estável. Em matéria de securização, o secretário-geral continuava a ter apreciáveis vantagens sobre os seus pares e assim, à medida que o tempo passava, o ascendente pessoal de Brezhnev tomou-se cada vez mais uma característica da direcção. Apesar disso, ao longo desses anos, houve uma notável estabilidade e continuidade dos principais quadros dirigentes nos seus postos<sup>20</sup>.

### Os últimos dias do cartel

Apesar de poder contar com alguns notáveis êxitos durante os anos de Brezhnev, é certo que a União Soviética pagou caro a existência do cartel. Como este se caracterizava pela desconfiança em relação aos que não lhe pertenciam, o cartel provocou uma insistência no papel dirigente do partido e uma rígida centralização da autoridade, ao mesmo tempo que essa autoridade central se revelava excessivamente cautelosa e sem capacidade de iniciativa. Por outro lado, o cartel exigia respeito pelas posições de poder e pelos mandatos dos seus membros, e a autoridade centralizada era acompanhada por uma devolução de poderes *ad hoc* e pela formação de poderosos (e frequentemente corruptos) centros de poder regionais.



A segurança das posições tinha como principal sintoma (e como uma das suas principais consequências) o envelhecimento da elite. Instalou-se uma espécie de paralisia ou de «petrificação», que impediu automaticamente

o acesso ao poder central de toda uma geração de dirigentes mais novos<sup>21</sup>. O cartel de Brezhnev levou à estagnação e fez da corrupção um princípio de organização de todo o sistema político. Ao mesmo tempo, a consequência mais lamentável dos anos de Brezhnev foi ter provavelmente fortalecido uma cultura política fundamentalmente conservadora e autoritária.

Parece estranho levantar-se o problema da relevância da «cultura política» para o sucesso das reformas, no caso de uma sociedade rigidamente controlada, em que todas as combinações e associações que poderiam servir para mediar entre os indivíduos e o poder do Estado foram sistematicamente eliminadas ou neutralizadas. Contudo, os hábitos de obediência e de respeito pelo poder, a preocupação com a segurança, a desconfiança face à mudança, a aceitação apolítica e céptica da autoridade estabelecida, todas estas atitudes que estão profundamente enraizadas na consciência soviética (ou, mais exactamente, na consciência russo--soviética) foram confirmadas e encorajadas no tempo de Brezhnev. Estas mesmas atitudes continuam ainda a ser o principal obstáculo à mudança e à renovação.

O cartel de Brezhnev começou a decompor-se com o advento de Yuri Andropov. As lutas associadas com a formação da nova direcção representavam, *grosso modo*, duas forças: os que tinham medo das implicações de uma larga mudança para os fundamentos do sistema (e, bem entendido, para as suas próprias posições) e os que estavam preparados para pôr as questões fundamentais. Desde 1983, as forças da mudança começaram a ganhar ascendente e Andropov, ao que parece, era um dos que estava aberto à mudança. A sua campanha contra a «corrupção» poderia, se tivesse durado, ter levado a uma profunda reestruturação, uma vez que atingia o princípio central do cartel<sup>22</sup>. Com Andropov e com Chernenko, dirigentes mais novos e homens convencidos da necessidade de mudança ganharam mais posições e mais influência do que em todo o período final do regime de Brezhnev. Retrospectivamente, é significativa a proeminência da posição de Gorbachev junto de ambos estes dirigentes. Durante algum tempo funcionou como o lugar tenente de Andropov e, embora deva ter existido alguma diminuição do seu estatuto com Chernenko, provavelmente continuou a ser o número três, a seguir a Tikhonov. A íntima relação de Shevardnadze com Chernenko sugere também que Chernenko estava provavelmente disposto a colaborar com os jovens dirigentes reformistas. O próprio Chernenko foi, por vezes, porta-voz de profundas reformas: foi quem primeiro levantou o problema da *perestroika*, quando fez um apelo para uma «séria reestruturação do sistema de gestão económica» e para «acções ousadas de reforma

económica»<sup>23</sup>. Há provas bastantes de que, desde antes de 1985, com o interregno de Andropov e de Chernenko, o terreno estava a ser preparado para a «revolução de cima para baixo» presentemente em curso.

O Ocidente tinha-se habituado ao cartel. Pareciam improváveis reformas radicais nos anos a seguir a 1982, quando a nova direcção precisava de se consolidar<sup>24</sup>. Na medida em que se podia especular acerca de um padrão de sucessão na direcção soviética, a partir dos poucos casos existentes, pensava-se que os períodos de transição e de sucessão eram seguidos por períodos de crescente ascendência do secretário-geral e por uma crescente identificação deste com iniciativas políticas destinadas a uma adaptação conservadora dos pressupostos políticos e institucionais existentes. Uma vez que a adaptação conservadora não respondia aos problemas fundamentais da economia e da sociedade, a ascensão pessoal de qualquer secretário-geral estaria sempre condenada a ceder perante uma incerteza crescentes, a oposição e o fracasso pessoal. Partindo destas mesmas razões, também era de esperar um recuo das políticas de reforma. Nos anos a seguir a 1982, uma geração de dirigentes soviéticos chegou à conclusão de que as mudanças necessárias só se podiam realizar a partir de uma «revolução de cima para baixo», dirigida com firmeza a partir do centro. Este é o paradoxo central das reformas de Gorbachev. A emergência de uma sociedade «democrática» e confiante em si própria depende, neste momento, de uma direcção central forte.

### **Gorbachev e a *perestroika***

A direcção de Gorbachev assenta nas aspirações de uma geração excluída do poder pelo cartel de Brezhnev. E alimentada pelos problemas morais, ainda por resolver, postos por Stalin, e por uma consciência crescente de que o legado político e institucional de Stalin é obsoleto para resolver os modernos problemas da economia e da sociedade soviética. Gorbachev e os que o rodeiam têm-se mostrado determinados a desmantelar o cartel e a responder radicalmente às questões levantadas pelo debate acerca da desestalinização<sup>25</sup>. A reestruturação significa uma reavaliação fundamental das prioridades, das instituições e dos pressupostos da era de Stalin, bem como uma crítica profunda dos obstáculos que impediram essa reavaliação nas décadas posteriores à morte de Stalin. O novo pressuposto é que a reestruturação não pode mais ser adiada, o que, por sua vez, significa voltar a aceitar uma visão mais revolucionária e um papel mais heróico para o partido.

Há aqui uma contradição. E certo que, pelo menos numa primeira instância, as iniciativas têm de partir do centro. Quanto mais resistência as reformas encontrarem, tanto mais uma direcção central será necessária. Todavia, é justamente a autoridade do centro que terá de ser diminuída para que as reformas possam resultar<sup>26</sup>. Assim, parece que os principais impulsos da *perestroika* têm uma dupla orientação: são

supostos promover mais segurança e mais eficácia no sistema político, e são supostos estimular novas atitudes em relação ao trabalho e à responsabilidade pessoal na sociedade.

Um dos mais importantes objectivos é reformar os fundamentos da segurança e da eficiência no sistema, através da introdução de procedimentos e de definições mais modernos e mais formais dos papéis de direcção. Gorbachev defendeu a ideia de se passar a depender muito mais do sistema legal e judicial moderno para a regulação dos conflitos e para fixar as prioridades económicas e sociais. O papel dirigente do partido será redefinido, para o tornar mais democraticamente responsável perante os seus membros, através de eleições mais abertas, de um controle que limite a duração dos mandatos dos quadros e da livre discussão. As frequentes referências ao regresso aos princípios leninistas são outra maneira de designar esta linha de mudança. O «leninismo», no contexto do presente debate, refere-se a todas as virtudes que supostamente o socialismo soviético perdeu de vista durante os anos de Brezhnev. Esta exploração da virtude leninista não quer dizer que o próprio «leninismo» tenha inteiramente escapado à crítica: faz parte do «novo pensamento» de Gorbachev reavaliar os pressupostos que fundamentam a doutrina leninista. Sob a direcção de Gorbachev, o papel do partido está a ser definido, e o princípio da responsabilidade democrática é alargado, através de uma substancial transferência de poderes do partido para as instituições parlamentares. Parece que a função governativa no sistema soviético, no sentido de «alocação autorizada dos valores», que no passado sempre foi uma prerrogativa do partido, passará a ser partilhada com as instituições parlamentares<sup>27</sup>.

Para a realização destas mudanças substanciais é preciso, nada mais, nada menos do que uma «revolução cultural». E por isso que a *glasnost*, na medida em que é suposta estimular essa revolução, é a parte central e indispensável do esforço de reestruturação da sociedade soviética. Os obstáculos principais não se encontram no partido nem na burocracia estatal: o problema está no papel hegemónico de uma cultura política autoritária e conservadora na sociedade. E como se devesse ser Gramsci, em vez de Lenin, o guia de Gorbachev.

Uma parte dos dirigentes soviéticos parece consciente de que os problemas com que se confrontam estão enraizados na cultura política soviética. Gorbachev definiu uma ligação directa entre as reformas para a democratização e a transformação cultural: «De certo modo, é como se estivéssemos na escola da democracia. Estamos a aprender. A nossa cultura política ainda não é adequada. O nível do nosso debate é inadequado, a nossa capacidade para respeitar o ponto de vista mesmo dos nossos amigos e dos nossos camaradas — até essa é inadequada.»<sup>28</sup>. Yakovlev referiu-se à ameaça que a inércia conservadora da sociedade soviética representa para a *perestroika*: «O conservadorismo da inércia, o conservadorismo da tranquilidade, dos

hábitos, da auto-satisfação é extremamente forte na nossa sociedade... O socialismo precisa de um rico arsenal de meios para que o público influencie a sociedade. Os meios económicos são uma parte necessária, mas são apenas uma parte do arsenal... A questão da moralidade é uma questão fundamental da reestruturação. Sem uma dimensão espiritual não há reestruturação.»

Neste momento, o partido está provavelmente mais aberto a uma mudança radical do que a sociedade no seu todo. Apesar das suas limitações, a sociedade soviética assegura aos seus membros alguns confortos. Existe a segurança do pleno emprego e de um extenso, apesar de ineficaz, Estado previdência. Há ainda uma espécie de segurança no respeito tradicional pelo poder e no hábito de receber instruções. Para milhões de pessoas bem intencionadas e conservadoras é provável que a *perestroika* e a *glasnost* signifiquem que está em causa a sua segurança<sup>30</sup>. As novas exigências postas pelas reformas são perturbadoras e geram um sentimento de crise, como se os problemas a que se dirigem fossem obra do governo actual. Perante isso, tudo o que há são promessas incertas de um futuro melhor. Até agora, houve muita retórica mas não houve muitas mudanças positivas. É preocupante para o futuro da *perestroika* que o governo pareça tão impaciente — como se a profundidade da inércia e a colossal empresa que é uma revolução cultural (ou revolução socio-psicológica, na terminologia soviética corrente) não fossem devidamente tidas em conta. Mas, por outro lado, não é menos preocupante o facto de as reformas não fazerem uma diferença apreciável para a vida quotidiana dos cidadãos soviéticos<sup>31</sup>.

Á própria escala da *perestroika*, e o facto do seu sucesso depender largamente da ideia de estimular uma sociedade mais aberta, significam que esta só pode ser definida de um modo genérico e incerto. A incerteza e a ausência de uma agenda estabelecida para o futuro são princípios centrais de uma sociedade aberta. Porém, continua a pôr-se a questão de um exemplo, ou de um modelo relevante para a mudança. Há exemplos de reformas noutras partes do mundo comunista e no Ocidente. Na história soviética há um período — um padrão — que pode ser uma fonte de inspiração para o futuro, o período e a filosofia da Nova Política Económica (NEP) dos anos vinte. Nas suas linhas gerais (embora não no detalhe) esta tem muito para dizer ao governo actual. Dá o exemplo de uma sociedade mais livre e mais confiante em si própria do que a que substituiu. Não era uma sociedade democrática, mas dada a ausência de uma tradição democrática e de modelos democráticos, tanto na experiência soviética como na experiência pré-revolucionária, tal não é para admirar. Se bem que não se adegue ao ideal da democracia, a força da sociedade da NEP é evidente<sup>32</sup>. Trouxe uma relação menos tensa e mais igualitária entre as nacionalidades<sup>33</sup>. Tinha uma economia claramente socialista que, ao mesmo tempo, era muito menos meticulosamente regulamentada e centralizada. Às instituições

do partido, do Estado e dos sindicatos eram menos rigidamente centralizadas e estavam mais abertas à competição. O debate político era mais significativo. Em suma, sem excessivo esforço, pode considerar-se a NEP como uma sociedade progressiva, razoavelmente tolerante e bem sucedida, mais moderna nas suas formas e ideias políticas, mais capaz de assegurar o sucesso material e a modernidade do que a que se lhe seguiu<sup>34</sup>. Às críticas principais ao padrão da NEP — permitia apenas uma evolução lenta e incerta para uma economia moderna, e fazia demasiadas concessões ao sector agrícola, politicamente suspeito e atrasado — há muito que deixaram de ser relevantes. A ideia do «regresso aos princípios leninistas», que se pode encontrar nos discursos de Gorbachev e de Khrushchev, e que é um dos temas mais correntes na literatura dos dissidentes, deve ser entendida não só como um comentário mas também como uma posição crítica para avaliar os erros das políticas mais recentes. Esse comentário pode ainda ser entendido como um programa para o futuro. Pode dizer-se, com a ironia apropriada, que o stalinismo, com a transformação industrial da sua «segunda revolução» lançou as bases materiais para a redescoberta de um entendimento mais aceitável (mais leninista?) do socialismo soviético.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Cf. M. Gorbachev, *Perestroika: Origins, essence, revolutionary character in Perestroika: The Thinking for our country and the world*, New York, Harper and Row, 1988: «A *perestroika* não é um capricho de uns tantos ambiciosos ou de um grupo de dirigentes... A *perestroika* é uma necessidade urgente imposta pelo processo de desenvolvimento da nossa sociedade socialista.» Gorbachev mostrou-se inicialmente relutante em reconhecer a ligação entre a desestalinização e as suas ideias de reforma: «O 'stalinismo' é um conceito pensado pelos inimigos do comunismo, e geralmente usado para desacreditar a União Soviética e o socialismo em geral.» *Sovietskaya Rossiya*, 8 de Fevereiro de 1986. A partir do plenário do Comité Central do PCUS de Junho de 1987, as declarações da direcção sobre o legado de Stalin começaram a mudar. Durante o plenário, Gorbachev notou que «as causas da situação vêm de muito longe.» *Pravda*, 28 de Junho de 1987. Este tema foi adoptado pela imprensa e o legado de Stalin passou a ser identificado como o principal inimigo cultural e institucional da *perestroika*. Cf. Vera Tolz, «Debates over Stalin's legacy on the eve of the Seventieth anniversary of the October Revolution., *Radio Liberty Research*, 15 de Outubro de 1987.

<sup>2</sup> Cf. Stephen Cohen, *Rethinking the Soviet experience: politics and history since 1917*, Oxford, Oxford University Press, 1985, cap. 4: Ao empregar o termo «moral» neste contexto quero sugerir que o debate foi mais do que uma discussão acerca dos crimes e dos erros de Stalin e incluiu uma reavaliação dos pilares centrais do próprio socialismo soviético, do significado do seu passado e das vias desejáveis para o seu futuro.

<sup>3</sup> Sobre a doutrina de Stalin acerca da eficácia revolucionária do poder, o melhor texto é o seu «The tasks of business executives», Discurso na Primeira

---

Conferência dos Gestores da Indústria Socialista, 4 de Fevereiro de 1931, in *Problems of Leninism*, Moscovo, Foreign Languages Press, 1947: «A ciência, a experiência e o conhecimento são tudo coisas que se podem adquirir. Podemos não as ter hoje, tê-las-emos amanhã. O mais importante é possuir o apaixonado desejo *bolchévik* de dominar a técnica, de dominar a ciência da produção. Tudo pode ser alcançado, todos os obstáculos podem ser superados, desde que exista esse desejo apaixonado de o fazer.», p. 335.

<sup>4</sup> Acerca deste ponto, note-se a posição de Malenkov a favor de uma mudança nas prioridades do investimento, em 1949, e as discussões na Academia das Ciências sobre a possibilidade de uma orientação diferente da economia soviética, tendo em conta a mudança no equilíbrio de forças global a favor da URSS e a consequente possibilidade de revisão da tese de «cerco capitalista». A resposta de Stalin a estas posições é instrutiva, quando voltou a afirmar a pertinência das velhas teorias. Num discurso pela rádio, em 1946, Stalin lembrou ao povo soviético as lutas que o esperavam e a importância de manter as velhas prioridades económicas. Robert Tucker, *The Soviet political mind. Studies in Stalinism and post-Stalin change*, New York, Praeger, 1962, p. 50. Estes argumentos voltaram a ser repetidos no XIX Congresso do PCUS. Cf. Stalin, *Economic problems of socialism in the URSS*, Moscovo, Foreign Languages Press, 1952. Por esta altura, o stalinismo tornou-se verdadeiramente reaccionário, na medida em que revelava não ter os meios de adaptação às realidades do mundo post-guerra. Para o sublinhar, Stalin preparava o terreno para mais uma depuração massiva, no estilo da dos anos trinta, cujo primeiro episódio foi a «Conspiração dos médicos».

<sup>5</sup> Cf. Stephen Cohen, *The end of silence*, New York, W. W. Norton, 1978.

<sup>6</sup> A seguir à morte de Stalin, houve manifestações operárias em Pilsen, na Checoslováquia, e na Alemanha Oriental, em 1953, bem como na Polónia e na Hungria, em 1956. Em todos estes casos, as reivindicações dos trabalhadores eram tanto económicas como políticas, e tiveram certa ressonância na União Soviética, como por exemplo nas greves e na criação de comissões de trabalhadores na Ucrânia nos anos cinquenta. Cf. Boris Lewytzky, *Poliam and society in Soviet Ukraine 1953-1980*, Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1984, p. 27 ss. Sobre manifestações posteriores na URSS, cf. Ludmilla Alexeyeva, *Soviet dissent: con- temporary movements for national, religious and human rights*, Wesleyan University Press, 1987, pp. 4-01 ss. Deve notar-se ainda a influência dos dissidentes da Europa Oriental na União Soviética, nomeadamente das ideias de Lezek Kolakowski. Cf. Boris Lewytzky, op. cit., p. 24.

<sup>7</sup> Cf. Robert Tucker, op. cit., p. 534.

<sup>8</sup> Stalin parecia ser a favor de Malenkov como seu sucessor, mas não lhe deu os meios para consolidar a sua posição, e existia entre os principais colaboradores de Stalin um equilíbrio de poder incerto. Cf. Howard Swearer, *The politics of succession in the URSS. Materials on Khrushchev rise to leadership*, Boston, Little, Brown, 1964, pp. 26-32.

<sup>9</sup> Cf. Lezek Kolakowski, *Main Currents of marxism*, vol. III, Oxford, Oxford University Press, 1981, pp. 454 ss.

<sup>10</sup> Emprega-se a distinção, feita por Peter Reddaway, entre oposição e dissidência. Cf. Peter Reddaway, «Dissent in the Soviet Union», *Problems of Communism*, Novembro-Dezembro de 1983, pp. 11. Cf. também Rudolf Tokkes, *Dissent in the URSS: politics, ideology and people*, Baltimore, John Hopkins, 1975, pp. 16-31. Embora seja difícil traçar a fronteira entre dissidência e oposição, o primeiro



termo deve-se usar para distinguir as posições não conformistas, críticas de certas políticas ou de certos aspectos institucionais da União Soviética, sem por isso rejeitarem os seus pressupostos e os seus valores. Entre os intelectuais que deram voz à dissidência durante os anos de Khrushchev, está sempre presente a ideia de encorajar o governo a ir mais longe tanto na crítica de Stalin, como na reforma das políticas e das instituições stalinistas. Nestes materiais, em publicações não oficiais, também se encontra frequentemente um apelo ao passado «leninista», supostamente livre de erros e sem as distorções do período de Stalin e posterior a Stalin. Este recurso à história soviética como um modo de defender as reformas no presente, em todos os domínios tratados pelos dissidentes direitos humanos, processos democráticos dentro do partido, direitos nacionais e religiosos das minorias, democratização dos lugares de trabalho — é corrente. Cf. Ivan Dzjuba, *Internationalism or russification?*, Londres, Weidenfeld and Nicholson, 1968, e também Roy Medvedev, *Let History judge*, New York, Vintage, 1973.

<sup>11</sup> A «legalidade socialista» era um conceito que Khrushchev empregava com frequência sem nunca c ter especificado. Durante os anos de Khrushchev esta referência significava uma regra das regras — a existência de princípios regulares a que o partido e a elite dominante se vinculavam para tomar ilegítima a arbitrariedade. Aproximava-se, sendo todavia diferente, do conceito «burguês» do *Rechtstaat*. Gorbachev recuperou este tema e muito daquilo que tem dito tem que ver com o estabelecimento de uma sociedade mais previsível e ordeira, através da introdução de um quadro legal e judicial moderno para a resolução dos conflitos, para garantir a segurança e determinar as políticas. Cf. K. Grzybowski, *Soviet legal institutions: doctrines and social functions*, University of Michigan Press, 1962, caps. 5 e 6, pp. 241 ss. Cf. também Mikhail Gorbachev, *op. cit.*, pp. 91 e 293. E ainda «Democracia e iniciativa», *Pravda*, 27 de Dezembro de 1987: «A verdadeira democracia não existe fora do direito, sem o qual se transforma em anarquia. Ao mesmo tempo, o direito só é verdadeiramente eficaz em democracia.»

<sup>12</sup> Khrushchev nunca o percebeu. Nas suas memórias afirma que nunca entendeu por que razão se tomou, em 1957, Presidente do Conselho de Ministros, acumulando a direcção do partido e do governo. Foi compelido a adquirir mais poder pessoal, apesar de criticar Stalin por ter feito isso mesmo. Khrushchev nota que «... a minha aceitação (da chefia do governo) foi, da minha parte, uma fraqueza — havia um bicho qualquer que me picava e minava a minha capacidade de resistência.» Neste caso, o «bicho» terá sido a suspeita de que a «direcção colectiva» com um programa de desestalinização não garantia a sua posição dirigente. Cf. *Khrushchev remembers: the last testament*, Boston, Little, Brown, 1974, pp. 17-18.

<sup>13</sup> *Pravda*, 17 de Outubro de 1964. «O partido leninista é contra o subjectivismo e a complacência na construção do Comunismo, contra os esquemas débeis, as conclusões apressadas, as decisões súbitas e os actos irrealistas... contra a recusa de ter em conta as conquistas da ciência e da experiência prática.» Khrushchev não é nomeado no artigo, mas não restam dúvidas de que é ele o atingido. Cf. o relato do discurso de Mikhail Suslov no Plenário do Comité Central de 14 de Outubro de 1964: «Tornou-se necessária a mudança da direcção, por causa das políticas excessivamente pessoais do camarada Khrushchev e porque *ele* se recusava a cumprir o princípio da direcção colectiva». De acordo com Martin Page e David Bug, este relato foi entregue a

---

Michel Tatu por um participante no plenário. Martin Page, David Bug, *Unpersoned: the fall of Nikita Sergeyevitch Khrushchev*, Londres, Chapman and Hall, 1966, p. 99.

<sup>14</sup> Sobre a campanha anti-religiosa, cf. Pedro Ramet, *Cross and Commissar: the politics of religion in Eastern Europe and the URSS*, Indiana, Indiana University Press, 1987, pp. 24ss. O programa do milho é um bom exemplo da tendência stalinista de Khrushchev para o *shablon* (interferir constantemente na produção) e para fazer declarações sobre políticas específicas contra a posição dos peritos. Cf. Alec Nove, «Soviet agriculture marks time», *Foreign Affairs*, Julho de 1962. Michel Tatu, *Power In the Kremlin: from Khrushchev to Kosygin*, New York, Viking, 1970 pp. 204-215.

<sup>15</sup> Cf. Stephen Cohen, *Rethinking the Soviet experience: politics and history since 1917*, loc. cit.

<sup>16</sup> Esta era a estratégia dos grupos de Helsinki, por exemplo. Cf. Ludmilla Alexeyeva, op. cit., pp. 336 ss., para uma discussão sobre as mudanças de estratégia de dissidentes como Yuri Orlov, Andrei Sakharov, N. Turchin, Roy Medvedev e Chalidze, que passaram a incluir tentativas de obter apoios ocidentais para a causa reformista. Para uma avaliação do relativo sucesso dessas estratégias, cf. Peter Reddaway, op. cit., p. 3.

<sup>17</sup> Houve avanços substanciais na modernização do sistema de previdência soviético, novas prioridades de investimento que beneficiaram o sector agrícola, novas iniciativas para responder ao crónico problema do alojamento, numerosas experiências na reforma da administração na agricultura e na indústria (por exemplo, com Kosygin em 1965). E a URSS atingiu a paridade estratégica com os Estados Unidos.

<sup>18</sup> Cf. Milton Lodge, *Soviet elite attitudes since Stalin*, Charles E. Merrill, 1969, defende que existia uma tensão entre os valores instrumentais dos grupos inferiores da elite exterior ao partido e os valores políticos do próprio partido. Cf. também o argumento de Jerry Hough acerca da existência de um «pluralismo» incipiente desde o tempo de Brezhnev. Jerry Hough, «The Soviet System: petrification or pluralism?», *Problems of Communism*, Março-Abril de 1972, pp. 25-45. Hough tinha razão em insistir no potencial pluralismo institucional na União Soviética, embora exagere na distinção entre «pluralismo institucional» e «petrificação oligárquica». O paradigma do cartel da ansiedade abre lugar para ambos e admite a sua complementaridade.

<sup>19</sup> Havia uma divisão do trabalho ao mais alto nível mais clara no tempo de Brezhnev. A sua formalização mais evidente foi a separação entre o domínio do governo (Presidente do Conselho de Ministros) e o do secretário-geral.

<sup>20</sup> Cf. Jerry Hough, op. cit., pp. 32-41.

<sup>21</sup> A fraca rotação e o envelhecimento da elite são os argumentos principais da tese sobre a petrificação. Cf. Zbigniew Brzezinski, *Between two ages*, New York, Viking, 1970.

<sup>22</sup> Cf. Jerry Hough, «Andropov's first year», *Problems of Communism*, Novembro-Dezembro de 1983, pp. 62-63.

<sup>23</sup> Cf. *Pravda*, 14 de Fevereiro e 3 de Março de 1984. Sobre o estatuto dos jovens dirigentes reformistas no tempo de Andropov e no do Chemenko, cf. Marc Zlotnik, «Chemenko's platform», *Problems of Communism*, Novembro-Dezembro de 1982, pp. 70-75. Sobre a íntima relação entre Andropov e Gorbachev, cf. Jerry Hough, op. cit.

<sup>24</sup> Cf. Timothy Colton, *The dilemma of reform in the Soviet Union*, New York, Council on Foreign Relations, 1984, pp. 58 ss.

<sup>25</sup> Este tratamento das intenções e das esperanças do governo soviético baseia-se largamente nos discursos e nos escritos de Mikhail Gorbachev, incluindo o seu discurso de encerramento na XIX Conferência do PCUS em Junho de 1988, as resoluções do XXVII Congresso e da XIX Conferência do PCUS, e o seu livro *Perestroika*, op. cit. Cf. também «Report before the Joint Ceremonial Meeting of the CPSU Central Committee, the USSR Supreme Soviet and Russian Supreme Soviet devoted to the 70th anniversary of the Great October Socialist Revolution», *Current Digest of the Soviet Press*, vol XXXIX, n.º 44, 2 de Dezembro de 1987.

<sup>26</sup> O cartel pode ser destruído de uma de duas maneiras: ou pela reimposição do culto da personalidade», apropriadamente sustentado por um regime de terror, ou pela «democratização», com a introdução das regras e das normas democráticas que sempre faltaram no sistema soviético. Já se disse que o «culto da personalidade» não é uma resposta provável sem uma agenda heróica à maneira dos anos trinta, mas pode sugerir-se que Gorbachev está a tentar justamente impor uma agenda desse tipo. No entanto, é evidente que uma «revolução de cima para baixo», supostamente orientada por uma finalidade democrática, é um espectáculo estranho, cheio de contradições e de perigos.

<sup>27</sup> É perigoso insistir demasiadamente neste ponto. Neste momento, o papel das eleições e das instituições parlamentares não está, de modo nenhum, definido. Deve ter-se em conta o facto de que o PCUS e as organizações controladas pelo partido comunista dominam o Congresso dos Deputados do Povo, e de que o partido tem uma enorme influência nos processos de definição das candidaturas, quando se avalia uma qualquer transferência de poderes do partido para outras instituições. Parece provável que a «sobreposição da direcção» do partido e do governo se manterá inalterada, tanto ao mais alto nível como ao nível local. (Os Sovietes locais serão dominados pelos secretários do partido e a presidência está reservada para o secretário-geral do partido). Por outro lado, certas reformas lembram medidas que falharam no passado: as actuais regras do partido, tal como as que Khrushchev introduzira, incluem disposições para a limitação da duração dos mandatos dos quadros dirigentes. Todavia, as antigas regras não impediram a muito baixa rotação de quadros que se tornou uma característica da era de Brezhnev. Khrushchev, além disso, também tentara sem sucesso racionalizar as funções de gestão do partido.

<sup>28</sup> Citado por Elizabeth Teague, «Gorbachev answers his critics», *Radio Liberty Research*, 15 de Junho de 1987.

<sup>29</sup> A. N. Yakovlev, «Trabalhem, pensem e sejam responsáveis», *Pravda*, 3 de Dezembro de 1987.

<sup>30</sup> Por outras palavras, poderia dizer-se que o contrato social» entre a direcção e o povo soviético está a ser reescrito. Nos últimos anos, os académicos ocidentais passaram a aceitar largamente a noção de que existe um contrato social na União Soviética, baseado na estabilidade, na segurança e numa sociedade igualitária. Cf. Peter Hauslohner, «Gorbachev's social contract», *Soviet Economy*, vol. 3, Janeiro-Março de 1987, p. 54.

<sup>31</sup> Bogdan Krawchenko, «Glasnost and Perestroika: overview of unfolding processes», *Ukrainian Weekly*, n.º 26 de Fevereiro de 1989.

<sup>32</sup> Devem recordar-se os aspectos repressivos e antidemocráticos da NEP. A campanha contra a religião, por exemplo, que se iniciou com a revolução,

---

continuou durante os anos da NEP. Cf. Nikita Struve, *Christians in contemporary Russia*, Harvill Press, 1967, p. 38, em que indica que «em 1922, 2691 padres, 1962 frades e 3447 freiras foram liquidados. Cf. também Robert Conquest, *Religion in the USSR*, New York, Praeger, 1968, p. 14. A determinação de Lenin em acabar com a religião está bem expressa na sua carta a Molotov de 19 de Março de 1922, que foi publicada numa revista de emigrados, *Russkaya Mysl*, n.º 3836, 1 de Abril de 1971 e omitida da edição oficial das obras de Lenin. Além disso, largos sectores da população não tinham direitos reconhecidos, como os chamados *Nepmen*, os intermediários e outros, que não podiam votar, não tinham acesso a cartas de racionamento e cujos filhos não tinham direito à educação. Cf. John Maynard, *The Russian peasant and other stories*, Londres, Colher, 1042, p. 193. Vladimir Gsovski, Kazimierz Grzybowski, eds. *Government law and courts in the Soviet Union and Eastern Europe*, Atlantic Books, 1959, vol. I, pp. 27-28.

<sup>33</sup> É interessante consultar a literatura dissidente nacionalista a este respeito. Por exemplo, as referências positivas de Ivan Dzjuba acerca das relações entre Moscovo e a Ucrânia nos anos vinte não são apenas um modo de indicar o que estava mal na política de nacionalidades de Stalin, são também uma proposta programática para o futuro do federalismo soviético. Cf. Ivan Dzjuba, op. cit.

<sup>34</sup> Cf. o comentário positivo de Gorbachev sobre a NEP no seu discurso de 7 de Novembro de 1987. Note-se também que Bukharin não só foi reabilitado (como o foram membros da oposição de esquerda» a Stalin, incluindo Zinoviev e Kamenev) como tanto ele como Rykov têm merecido comentários particularmente positivos. Cf. inter alia Lev Voskresensky, «You should know comrades» in *Nomes that have returned*, Moscovo, Novosti Agency Publishing House, 1989.